

ALGUMAS QUESTÕES DE GÊNERO¹

Ênio Brito Pinto

No mundo ocidental contemporâneo, dadas as enormes mudanças populacionais e de costumes por que passamos, e dada a velocidade das comunicações entre as pessoas e entre as nações, podemos dizer que há uma crise ética, a qual, por sua vez, amplia as vivências de ansiedade, seja ela saudável ou patológica. Entendo aqui crise como um momento de risco e de oportunidade, ou seja, na crise ética há risco para alguns valores ao mesmo tempo em que há a oportunidade de que eles se atualizem e se renovem. Penso que grande parte das divisões e rupturas que podemos ver em nosso campo existencial hoje tem relação com as necessárias mudanças de valores, fato ainda pouco compreendido e, mais do que isso, de difícil aceitação para as pessoas que vivem dificuldades grandes de conviver com diferenças de pontos de vista.

Vou enfocar aqui, embora superficialmente, dois aspectos dessa crise de valores a que me refiro, não sem ressaltar que há muitos outros aspectos a se observar. Minha premissa é de que há um bom tempo o ser humano vem, lentamente e em meio a muitas dores e lutas, construindo um novo modo de viver e de conviver, mais amadurecido e livre, mais solidário e consequente. Tal mudança não se dá sem resistências, e talvez esse momento de início da segunda década do século XXI seja um dos períodos em que essas resistências estejam mais fortalecidas, gerando, se não uma guerra, o empoderamento de governos incompassíveis, além do recrudescimento de visões religiosas ultraconservadoras, defensoras do poder sobre, em vez do poder de ou do poder com.

Uma das áreas em que essa mudança ética mais é visível é a área da sexualidade humana, especialmente no que diz respeito à identidade sexual, um dos pontos centrais de nossa sexualidade, pois configura como cada um se conhece, se reconhece e vive como ser sexualizado.

Há relativamente pouco tempo, podíamos nos sustentar em uma visão de certa forma simples sobre a identidade sexual das pessoas de nossa cultura. Eu mesmo escrevi textos

¹ Reflexões apresentadas em mesa redonda no XXVI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica e XV Encontro de Fenomenologia do Centro-oeste, em 17/10/2020

(2015, dentre outros) nos quais me baseava em Robert Stoler (1993), para quem a identidade sexual é composta pela identidade de sexo e a identidade de gênero. Desde este ponto de vista, a identidade de sexo é dada pela biologia, ou seja, nascemos macho, fêmea ou de sexo indefinido, e a identidade de gênero é eminentemente cultural, e define o que é masculino e o que é feminino. Hoje entendo que a questão básica continua sendo bem contemplada por Stoler, mas é preciso atualizar essa definição, dado que nossos conhecimentos sobre essa área têm se ampliado muito rapidamente.

Assim é que se de fato podemos compreender a identidade sexual como sendo composta pela identidade de sexo e a identidade de gênero, a compreensão do que seja cada um desses componentes é cada vez mais complexa. Mesmo o que parecia irrefutável, ou seja, nascemos machos, fêmeas ou indefinidos, hoje sabemos que não é bem assim. A diferenciação sexual é extremamente complexa e dependente de como se combinam em cada pessoa os fatores hormonais, os genéticos e a formação das células que comporão o corpo humano (Varela, 2019). Essa diferenciação sexual começa muito cedo na vida do feto, já por volta da quinta semana de existência, e é influenciada por fatores biológicos próprios, por fatores da mãe, por questões ambientais e mesmo por variáveis cuja compreensão ainda não estão ao alcance da ciência, se é que um dia estarão. Parte significativa dessa diferenciação sexual do feto é marcada pelo desenvolvimento das gônadas, isto é, se os ovários prevalecerem, teremos predominância do estrogênio; se forem os testículos a prevalecer, teremos predominância da testosterona, e aqui há um fenômeno muito curioso e rico: os homens, por toda sua vida, também produzirão estrogênio e as mulheres, também por toda a sua vida, também produzirão testosterona, em ambos os casos em menor quantidade que os hormônios naturalmente prevalentes para cada sexo.

Há no feto, em cada feto, um delicado equilíbrio de hormônios, um equilíbrio que, diferente para cada pessoa, influenciará na formação dos caracteres sexuais secundários, na anatomia sexual e até na identidade e no comportamento sexual futuro (Varela, 2019).

Como se isso fosse pouco, hoje sabemos que é simplista a ideia de que o cromossoma Y é o responsável pela definição do sexo. São frequentes os casos em que diferentes células do embrião tem diferentes combinações dos cromossomas X e Y, de modo que podemos encontrar em homens células com cromossomas XX em determinados órgãos e, em

mulheres, células com cromossomas XY. Isso sem contar que também a mãe tem essas características, as quais podem ser acentuadas pelas células liberadas pelos fetos machos (Varela, 2019).

No que diz respeito à genética, a complexidade não é menor: as interações entre genes dominantes e recessivos pode provocar importantes problemas para que algumas pessoas consigam se definir com clareza quanto ao sexo de pertencimento e ao como se dá esse pertencimento.

Em outros termos, podemos dizer que a biologia é muito mais complicada na definição do sexo do que imagina a grande maioria das pessoas. E a isso precisamos somar um aspecto extremamente precioso, crucial mesmo: como cada pessoa elabora, apropria-se e integra sua própria biologia, seu próprio corpo, um dos movimentos imprescindíveis na constituição de si. Cada um de nós não é somente o que a biologia nos deu ou nos proporciona, mas uma rica e complexa construção, a qual parte do contato com o corpo para se tornar um corpo, e depois se amplia para a sensação de ser, de existência, de coexistência.

Se na parte natural, biológica, da identidade sexual as coisas não são simples, o que dirá da parte cultural, a definição de gênero! Aqui, além do campo igualmente complicado, há em nossa cultura uma confusão que atrapalha bastante a identificação das pessoas, quer seja para si, quer seja para o outro: confundimos desejo sexual com gênero, e é preciso clarear isso. Heterossexualidade, homossexualidade, e tantas outras categorias englobadas na sigla LGBTQ+ tem relação estreita com o desejo sexual e não tão próxima assim da questão de gênero. Há pessoas predominantemente heteroafetivas que são mais masculinas e outras mais femininas, há pessoas predominantemente homoafetivas mais masculinas e outras mais femininas.

O conceito de gênero é estudado pela antropologia como sendo aquele que determina para cada cultura o feminino e o masculino, base das relações de cooperação entre as pessoas em muitas das civilizações conhecidas até hoje, inclusive na nossa. Nesse sentido, são clássicas as pesquisas de Margareth Mead. No começo do século XX, ao estudar três culturas diferentes, ela encontrou em cada uma delas um padrão para os papéis de gênero, sendo que em duas dessas culturas não havia a diferenciação de comportamentos pelo sexo. Assim é que em uma delas homens e mulheres são educados para um tipo de temperamento que nossa

cultura caracterizaria como tipicamente feminino, ao passo em que na outra a educação se dá no sentido de que as pessoas tenham um temperamento do tipo que classificariamos como tipicamente masculino. A terceira cultura tem uma educação sexual praticamente oposta à nossa: as mulheres são educadas para o poder e a capacidade de decidir enquanto que os homens são educados para a docilidade e o cuidado com as crianças. (cf Chaui, 1990, p. 26)

Parece-me que neste momento é importante clarear um pouco mais o que estou chamando de natural e o que chamo de cultural. Ainda com a antropologia (Rodrigues, 1979), aprendi que devemos chamar de natural apenas o que não depende da tradição social, o que não é comportamento aprendido, aquilo que vai além do domínio das normas, dos hábitos, dos costumes; enfim, tudo que não é peculiar a algum grupo social específico. Em contrapartida, podemos chamar de cultural tudo o que é particular a determinada sociedade e depende das suas leis, de seus costumes, de sua época, de suas peculiaridades. Meninos vestirem-se de azul e meninas de rosa é construção cultural.

A própria concepção de Natureza Humana é variável culturalmente. Muitos dos comportamentos que costumamos associar à natureza humana são comportamentos aprendidos, que melhor seriam chamados como condição cultural humana. Conceitos fundamentais, como os de ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’, por exemplo e como já vimos, são classificados pela antropologia como capazes de variar enormemente de uma cultura para outra. Dessa forma, cada sociedade determina normas para o relacionamento de homens e mulheres, ou seja, por extensão, normas para a sexualidade. Essas normas e valores (e também os símbolos) podem variar de cultura para cultura, não se podendo acreditar as postulações de nenhuma cultura como absolutas e universais.

Para Castells (1999, p. 33), as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de *produção*, *experiência* e *poder*, sendo a experiência a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, a qual é determinada pela interação desses sujeitos em relação a seus ambientes sociais e naturais; estruturam também a experiência as relações entre os sexos, ainda caracterizadas, na cultura ocidental, pela dominação do homem sobre a mulher e, especialmente, pela organização em torno da ideia de família.

Corroborando essas ideias, devemos lembrar que a grande variedade de comportamentos entendidos como ‘masculinos’ e ‘femininos’ é sinal de que há padrões culturais das sociedades como berço desses valores tão diferenciados. Em nossa cultura, por muito tempo, a preservação dos valores foi garantida através de uma educação que determinava quais comportamentos sociais e individuais esperar de um homem ou de uma mulher, não raro caracterizando as mulheres como frágeis e o homens como fortes e decididos. Mas isso vem mudando, principalmente a partir da segunda metade do século XX. O advento da pílula anticoncepcional, o novo alcance da publicidade, as mudanças na intimidade, o movimento feminista, o incremento das interações entre ocidente e oriente, e tantas outras conquistas científicas e sociais tiveram enorme repercussão no comportamento humano e no exercício da sexualidade. A mulher de hoje é diferente de sua mãe, o homem de hoje é diferente de seu pai, independentemente da idade de cada um, dada a velocidade dessas mudanças. O receituário social abre cada vez mais possibilidades para a escolha pessoal da porção de cada ingrediente da identidade sexual, sempre aberta a pitadas cuidadosamente individuais. Se a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, se o homem não nasce homem, mas torna-se homem, o colorido social dessa construção, embora ainda importante, tem matizes cada vez menos realçados que os matizes pessoais. O individualismo que tanto e merecidamente criticamos em nossa sociedade tem também seus aspectos enriquecedores.

Entendo que isso se dá em grande parte por causa das mudanças culturais a que me referi acima, além de um fato muito importante, decorrente da globalização que vivemos. O contato mais próximo e mais rápido entre as diversas regiões do mundo trouxe importantes modificações na concepção de feminino e masculino, abrindo aos homens e às mulheres a possibilidade de inovar na crença e na vivência do que é próprio da feminilidade e do que é próprio da masculinidade.

Então, sintetizando o que foi visto até aqui, pode-se dizer que o terreno das questões de gênero e de identidade sexual é por demais complexo. Nossa época vive a explicitação dessa complexidade, momento em que comportamentos e vivências antes excluídos começam a exigir inclusão, e começam a ser atendidos, ainda que muitas vezes a duras penas. Essa inclusão é necessária, é justa e precisa ser apoiada e ampliada. Para que cada um se aceite verdadeiramente, é preciso que seu campo seja também aceitador. Vimos também que

a sexualidade humana tem necessariamente uma configuração cultural e social, ou, em outros termos, que a instância histórico-sociocultural é um elemento integrante e determinante do fenômeno sexual humano e relevante também na delimitação do que podemos entender como gênero. Mas a identidade sexual vai para além do gênero.

São muito bem vindos os conceitos, relativamente recentes no imaginário popular, de pessoas cis e pessoas trans. Ajuda muito compreendermos que há essas diferenças. Só para lembrar: quando me refiro a uma pessoa cis, estou falando de alguém em quem o sexo determinado biologicamente, mais o sentimento subjetivo de sexo, mais o sentimento subjetivo de gênero, estão, podemos dizer assim, alinhados ou de um mesmo lado, pois o prefixo *cis*, no latim significa “deste lado” (e não do outro). Além disso, ainda podemos falar de pessoas cissexuais e pessoas cisgêneras, vivências que podem ou não existir concomitantemente em uma mesma pessoa. E vamos mais além ainda em nossa percepção da complexidade humana nesta área quando lembramos que há pessoas binárias e pessoas não-binárias: pessoas que se identificam ou não se identificam plenamente nem com o “ser homem” nem como o “ser mulher”, especialmente no que diz respeito à construção social do gênero. Lembro ainda que pessoas transexuais podem ser binárias ou não-binárias.

A identidade sexual é múltipla e há tantas maneiras de compô-la quantas são as pessoas. Além disso, parte significativa dessa identidade tem relação com o desejo sexual, o qual pode se localizar prioritariamente em algum ponto (ou em alguns pontos, a depender da situação) entre dois polos, o desejo por pessoas de sexo diferente e o desejo por pessoas do mesmo sexo. Não há pessoas sem desejo sexual, embora haja pessoas com o desejo sexual tão deprimido que aos olhos desavisados até pode parecer que ele não existe.

A mudança ética tem visibilidade maior no que diz respeito ao desejo sexual, uma vez que esse é o ponto no qual o ser humano ocidental mais tem se libertado de preconceitos e mais tem buscado viver como é, e não como deveria ser segundo algum ditame moral. Isso tem gerado liberdade e vidas mais plenas, ao mesmo tempo em que gera fortes reações naqueles que têm dificuldade para lidar com o diverso de si. Com base nisso, alguns religiosos (apoiados em algumas instituições) adaptaram – para não dizer deturparam – no Brasil o conceito de “ideologia de gênero”, um conceito, de resto, bastante reducionista em sua origem teórica, dado que desconsidera a inalheável porção cultural da identidade sexual.

Com essa versão brasileira do conceito, a diversidade sexual fica aparentemente circunscrita e pode ser combatida como se o problema fosse só ela em si. No entanto, o que se combate, na realidade, com esse olhar falacioso? Não é exatamente a multiplicidade de desejos e de orientações sexuais, mas a possibilidade de que as pessoas ampliem o autoconhecimento a partir da possibilidade de se perguntarem como é seu desejo sexual, e aceitem a resposta própria e autônoma. Elas podem, a partir daí, se tornar livres em outros aspectos também, o que não interessa a determinados detentores do poder, tampouco àqueles que ou não conseguem se perceber como dotados de poder, ou não conseguem lidar com a ansiedade derivada da ampliação da possibilidade de escolhas suficientemente livres. Ou seja, há os que controlam e os que desejam ou precisam ser controlados por não terem recursos pessoais para lidar com a liberdade e sua consequente ansiedade. Falarei mais disso adiante.

Além da questão do desejo, outro aspecto evidentemente abordado quando se fala em “ideologia de gênero” é a desigualdade entre os sexos. Há diferenças entre os homens e as mulheres, mas idealmente essa diferença não deveria ser transformada em desigualdade, como ainda é, nem mesmo ser negada, como pretendem alguns movimentos feministas. Se aceita e se integrada, essa diferença entre homens e mulheres pode gerar masculinidades e feminilidades mais cooperativas e compreensivas, verdadeiros movimentos de crescimento e de amadurecimento, embora possa gerar também, e especialmente a princípio, ansiedades sofridas, derivadas de ampliação da responsabilidade ante os inevitáveis posicionamentos éticos pessoais. Com isso quero lembrar que as discussões sobre os gêneros (diferentes da “ideologia de gênero”) não se limitam ao campo do desejo sexual, mas abarcam, ou pretendem abarcar, a imensidão criativa das intimidades, das identidades e das relações humanas. Pretendem também combater uma das piores violências que vivemos em nossa cultura, a violência baseada na sexualidade, a qual não é somente nem necessariamente física, mas cruel e desumana em todas as suas inúmeras faces, principalmente no que diz respeito às mulheres não-brancas, vítimas de duplo e extremamente danoso preconceito, aquele que se baseia na sexualidade, na cor da pele e na ancestralidade.

Estas discussões sobre os gêneros são temas caros, delicados e muito significativos para a educação sexual e para o trabalho de orientação sexual nas escolas e em ambientes afins. Que socialmente possamos abrir com coragem este leque, abrindo cada vez mais a

possibilidade de que, no contato respeitoso e aceitador consigo e com as outras pessoas, cada um possa livremente ser mais e mais o que de fato está sendo.

Referência bibliográficas

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*, volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CHAUÍ, M. *Repressão Sexual: Essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990

PINTO, Ê. B. *Orientação Sexual: Como ensinar aos jovens dialogando com sua religião*. São Paulo: Ideias e Letras, 2015

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979

STOLLER, Robert. *Masculinidade e Feminilidade – Apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

VARELLA, Dráuzio, Ideologia de Gênero. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/ideologia-de-genero-artigo/>, acesso em 05/09/2020